N.º 13 (135) — 3.º ANNO | Terça-feira, 24 de Janeiro de 1911 | PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typographia A NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria, 40

O ZÉ

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Cães que mostram os dentes

Cães por cães, antes me quero com estes que veem para mim a passo, do que os do Paço, que mostram os dentes de longe.

A 31 de Janeiro

❋ Numero extraordinario d'O ZÉ ❋

Dedicado ao anniversario da Revolta do Porto, contendo os retratos de «João Chagas», «major Coelho», «capitão Leitão» e «alferes Malheiros» e dos martyres «Buiça» e «Costa».
Collaboração esmerada.
Impressão a 4 côres.

Muita gente imaginou, lá por terem de sahir de Portugal as *irmanzinhas dos pobres*, que aquelle albergue de velhos, iria acabar de vez e os pobres velhinhos ficariam para ahi ao deus dará, a morrerem de fome e de frio por essas ruas de Lisboa.

Pois tal não succedeu nem succederá, porque como se sabe, já se formou uma direcção ou commissão, encarregada de olhar por elles, e o estabelecimento continuará a funccionar como até aqui, se não fôr melhor.

Sim, porque aquillo, apezar de ser um estabelecimento de caridade e de protecção para velhos de ambos os sexos, nem por isso primava muito pela tal caridade e carinho, que até certo ponto devia haver para gente já no ultimo quartel da vida.

Parece até que havia um desejo occulto em que elles desapparecessem o mais depressa possivel do numero dos vivos, para admittirem outros ou para se verem livres dos que lá existiam.

Se assim não fosse, não faziam levantar os pobres velhos, no inverno, ás 4 horas da manhã, atravessar aquelle pateo que vae dar á egreja, para irem ouvir missa todos os dias, e fazer rezas por alma d'estes e d'aquelles, que naturalmente lhes dá tanto abalo como a nós quando o imperador da China está constipado.

E os velhos coitados, quasi sem se poderem mexer, a tiritarem com frio...

Agora crêmos bem que tal não succederá.

Sempre haverá mais caridade e respeito por aquelles que estão já á beira do tumulo, e todos se devem lembrar que: *hoje por vós, amanhã por nós*.

Pois não é assim?

As *irmãs* lá embarcaram para Inglaterra e França, e tão castas quizeram ser até ao fim, que até o barco escolhido para as transportar, foi o *Hylario*, nome do santo, que segundo diz a lenda, está á porta do céo a receber as virgens, afim de lhes dar o castigo merecido...

Mas, fossem ellas no *Hylario* ou fossem n'outro qualquer, que se foram... é certo. E tanto que alguns *thalasseiros* mais ferranhos, ainda protestaram, mas foi o mesmo que nada... porque ellas foram se!...

Decididamente estas coisas já não estão para o seculo de *luzes*... apagadas como o actual, em que os gazomistas se põem em gréve logo em seguida aos ferro-viarios, de maneira que só temos tido luz... de noite, até ás duas ou tres horas da manhã, e com muita sorte andamos em a velha lua se lembrar da gente, e lá do alto illuminar a terra, senão...

Era para ahi focinhada por essas esquinas, que tremia tudo.

A' hora a que escrevemos, parece com tudo estar terminada a gréve, mas parece tambem que d'esta vez os grevistas não levaram a melhor.

Os ferro-viarios, esses sim, apanharam a *queijada* toda, e por isso lhes damos os parabens.

* * *

Tambem o *Zé* tem hoje o prazer de embandeirar em arco, porque traz nas suas paginas centraes, o retrato do seu amigo Dr. Antonio José d'Almeida, ministro do Interior e um dos vultos mais importantes do governo da Republica Portugueza.

Antonio José, sem doutor, é umas *natas*, com doutor e tudo é um *bólo d'amor*.

Com alma até Almada e de Almada até Almeida, é elle um coração de ouro com marca de lei, que o povo adora e respeita, acatando a sua palavra como sendo a ultima palavra da Republica.

O Interior regosija-se por ter no seu interior um ministro com um interior d'estes, e o interior do ministro tambem idem, idem na mesma data, por uma Republica feita á sua imagem e semelhança.

Tanto elle como os outros ministros que formam a cadeia governamental, são tão cordatos, que até hoje ainda não mandaram para a cadeia, aquelles que bem mereciam lá estar pelas falcatruas praticadas nos differentes Creditos Prediaes, encontrados a rôdo, por todas as repartições do Estado e pelas quaes se vê o estado em que tudo isto estava?

Como escravo da sua palavra Antonio José, chega a sacrificar os seus proprios interesses, como ha pouco succedeu quando foi da gréve dos caixeiros, que esteve a ponto de sahir do Governo por não poder apresentar o decreto que regulava as horas de trabalho d'estes.

De uma vontade de ferro, uma saude de ferro e um temperamento de ferro, o dr. Antonio José d'Almeida, é, sem contestação, o verdadeiro *homem de ferro* da Republica, e é por isso que elle está para a Republica, assim como a Republica está para elle.

Que o nosso amigo nos perdôe se passamos além da Taprobana da sua modestia, mas... a Cezar o que é de Cezar.

NOTA DA CHRONICA:

— E' verdade ser surda a tua noiva?

— Como uma porta! Quando lhe fiz a minha declaração de amor, tive de gritar tanto, que as visinhos acudiram a vêr o que tinha succedido.

♣

Ao Doutor

Antonio José d'Almeida

E' filho do Amor e da Bondade.
Tem por avô o velho e dôce Bem;
Sahiu no génio, a sua santa mãe
E tem do pae, tambem, a Lealdade.

A alma, peregrina raridade,
Sensivel, chora sempre ao mal de alguem.
Despreza o Cinismo e o Desdem
E vive á luz brilhante da Verdade,

Caracter consagrado á Rectidão,
Esculpido n'um bondozo coração.
Eis tudo quanto elle em si encerra

Amado pelo povo até á crença!
Figura magestatica, immensa
Que ama com ardor a sua terra!

Styl

♣

LA SE FOI O MONOPOLIO...

O' seu Castanheira de Moura, então já começa a levar a sua castanha, heim?!

E você que se julgava tão importante.

POESIA ORIGINAL

Talvez um pouco atrazada, por causa da greve ferro viario — o que muito lamentamos — recebemos da liberal cidade do Porto a seguinte poesia, que publicamos tal qual como a recebemos sem lhe alterar uma virgula, para não lhe tirar o pitoresco e o sabor... tripeiro.

Limpesa

Precisava-se d'uma Revolução
Cá na cidade do Porto
Cortar o podre e deixar o são
Endireitar isto que anda muito torto.

Cortar a cabeça a um cento de thalaças
Enforcar dois centos de pulhaças.
Matar tres centos de jesuitas
Assassinar quatrocentos de parasitas.
Dar cabo de quinhentos falsificadores
Fasêr desaparecêr seiscentos difamadores
Ao todo são dois mil e çem os auctores.

Delfim de Freitas (Amador).

Porto, 15-1-1911.

Ora aqui estava uma bôa occasião, para fazer uma tachada de tripas com arroz!!

Foi um ar que lhe deu

O Castanheira de Moura a julgar-se já dono d'isto, e o governo atirou-lhe com o monopolio ao cano!

Andem-me com elle!

A' Thalassaria

I

Pairando sobre nós os *tumbas* miseraveis,
Occultos no boato, envoltos na mentira,
Chamando ás trevas luz, morcegos execreraveis,
Poetas do Rancor a quem o mal inspira
Poemas da navalha ao canto da viela
Em perfido calão cantados á guitarra
Por certos malandrins de mizera farpella
Bolsando insidias vis em meio da algazarra,
Ligorios, rufiões de feio acto e gésto,
Nobreza mercantil, fidalgos de cabresto.

II

O'lá, da esturdia vil que rege o brodio crasso;
Cessai do fungágá o reles zambumbar;
A vossa pretalhada, fóra do compasso
Metteu-se no *briól*, não pode mais soprar
A velha trompa liza outr'ora festejada
Em sólos infernaes de regias soarées,
Nas arias sensuaes da cafila dourada
Aonde um gordo rei fazia rapapés,
Largando a certa dama um beijo sorrateiro
Bem perto de marido, o manso conselheiro.

III

Porém tudo mudou, machuchos histriões.
Cessaram gerarchias, ala d'empolados
Cessaram manigancias, ocos golutões,
Sebentos manequins, hypocritas, safados!
Já corre um outro ar, melhor, consolador;
E' livre o cidadão, venera-se a Justiça;
Prefere-se adorar a Patria com amor
Ao velho cantochão, ás predicas da missa!
O sol que nos dá luz, immenso de pureza
Até aquece mais a terra portugueza!

IV

A mesma que vos deu a forma e o ser,
N'um rasgo generoso a vida vos poupou,
E vós, oh! raça vil! Viboras! a morder
O peito bemfeitor que a si as conchegou!
Que nome deveis ter? E' pouco o de traidores!
Vendidos d'uma raça? Escoria nauseante?
Bubões de especie rara? Ageis corruptores
Servindo um parvo rei, um mumia ignorante?...
Sumi-vos almas vis, figuras do avesso,
Que a Patria seguirá a Luz e o Progresso.

Styl.

A' VENDA: feito nos mesmos numeros em tres *chances* differentes.

A 31 de janeiro numero dedicado aos martyres Mannel Buiça e Alfredo Costa

Casos bicudos

De quantos povos ha penando por essa terra fóra sofrendo por esse mundo «de Christo», cremos que deve ser o nosso o mais roubado, o mais espoliado, pois nos custa a crer que um «Zé» possa ser mais explorado do que este.

Elle é monopolios, sindicatos, companhias, e toda a sorte de roubalheiras com os mais pomposos nomes. De preferencia, approveitam para explorar, os generos mais necessarios á barriguinha do «Zé». Negoceiam com tudo o que nos faz falta, para enriquecer á custa da fome.

Monopolio do pão, monopolio da agua...

O' filhos, façam tambem um monopolio do ar! Mettam o ar em contadores e encanen-o para os nossos pulmões, a tanto por cada metro cubico e mais seis vintens pelo contador, como aquella refinadissima pouca vergonha da Companhia das Aguas, que nos faz pagar o contador durante toda a vida, para por fim ainda ficarmos sem elle!

Grandissimos tratantes!

Refinadissimos *honrados*!!

Então se em Coimbra se tem a agua baratissima, para não fallarmos nas cidades estrangeiras onde ella é á discreção para todos, porque não podemos nós ter aqui na «Lisbia» amada, tambem mais «baratuncha»?

Se em Londres, na monarchia ingleza, um desgraçado, um faminto, tem um kilo de pão por 56 réis (olhem que nem chega a trez vintens!...) porque havemos nós de dar aqui ao sr. Castanheira de Moura, nada menos que quatro vintens?

Não falemos já nos tabacos que enriqueceram o Burnay e todos os seus immoralissimos collegas; não citemos, já agora, o Hinton que se encheu a fartar com o negocio da aguardente... Não fallemos d'estes que vivem dos vicios, que enriquecem á custa das miserias alheias...

Falemos simplesmente nos phosphoros, n'esse chorudo negocio, n'esse pingue maná, que tem feito as mais fabulosas fortunas.

Compra-se em Lisboa uma caixa d'onde os phosphoros fizeram gréve na sua maioria, (e aquelles que a não fizeram, não teem cabeça, para não pagarem nada...) Compra-se uma caixa de «palitos», que no interior nos faz lembrar os destroços d'uma batalha, com os paus partidos para um lado e as cabeças para outro, por nada menos que dez réis.

Pois por dezoito réis, em Londres, onde não existe a roubalheira do sindicato, onde a industria é livre, compram-se nada menos que dez caixas!!

E' para isto que nós queremos que o governo olhe com olhos de ver, dando cabo de todos os «sindicateiros» e monopolistas sem dó nem compaixão, que a Republica foi feita pelo «povo» e para o «povo», e o «Zé» tem fome, muita fome!

Façam isto, ricos governantes, deem um cheganço a valer nesses «magicos», se querem sentar-se no altar do nosso coração eternamente agradecido.

Sejam democraticos até esse ponto, que a democracia da barriguinha cheia e consolada, é a mais bella aspiração da humanidade encravada!

* * *

Nóa queremos perguntar aqui, a toda essa gente que grita e berra por esse paiz fora, levantando os braços ao ceu, para os deixar cahir como um anatéma sobre as gréves; nós queremos perguntar a toda essa gentinha escamadinha da costa, se são só os operarios grevistas que causam embaraços á nossa gentilissima republica?

A gréve é uma questão entre duas forças; d'um lado estão os que muito produzem e pouco ganham; do outro lado encontram-se os que pouco cu nada fazem e muito recebem.

Os primeiros negam-se a trabalhar emquanto os segundos não repartirem com elles um pouco do muito com que se «abotoam».

Esses recusam-se casmurramente, uzurariamente, a cortarem alguma coisa nos fabulosos orçamentos, com que pagam a engenheiros que nada «engenham» e a directores que nada «dirigem».

São pois duas forças a recusarem-se, a persistirem n'aquella anormalidade, que dizem prejudicial para a nação.

Digam-nos lá: qual das duas podia ceder? Qual d'ellas, não querendo causar difficuldades á republica, podia ceder mais depressa?

Eram os humildes operarios ou os poderosos capitalistas?

Deixem-se pois de lançar as culpas apenas nos mais pequenos, porque isso não é justo, nem democratico!

Se os grevistas, que não são mais do que o povo a querer suavisar a sua pessima vida, vos merecem morras, o que merecerá uma companhia uzuraria, que como esta do Gaz, dizendo não poder ceder ás reclamações dos operarios, podia no entanto, estar a metter pessoal antigo, pagando-lhe feria superior á que recebia o pessoal grevista?!

As culpas todas no «cartorio» do mais pequeno, isso é que não!

E se a vossa gritaria contra as greves, é com pena dos patrões e das companhias, coitadinhas, então não berrem nem chorem, que tudo se arranja!

Faz-se um bando precatorio a favor dos pobresinhos, dos desgraçados dos patrões!!

* * *

Vimos ha dias na redacção do jornal «O Mundo» uma commissão de conductores de machinas da armada, que se ia queixar, porque lhe querem tirar algumas regalias de que gosavam já no tempo da monarc7ia.

Vejam lá se isto não dá vontade de a gente fazer uma chiada de todos os diabos? Então a republica que todos tem feito subir, a republica que reconheceu officialmente os sacrificios feitos por esta classe (e seria injusta se tal não fizesse) a republica em logar de os galardoar como a tantos tem feito, ainda os vae prejudicar?

Ora bolas!

* * *

A velhinha de «A Nação» qee conta nada menos de 64 annos, ao negar que o D. Miguel estivesse em Pau, chama-lhe o «Senhor D. Miguel de Bragança' O Augusto Representante da Legitimidade Portugueza!...»

Ena pae! Que coisa tão comprida e que data de lettras grandes!

Então o miguelismo tem alguma coisa de «legitimo»?

Então a legitimidade, não é a vontade do povo?!

Ora muito nos conta.

Para o que lhe havia de dar a velhice, sr.ª Dona «Nação»!!

Viu-se Grego.

♣

O poema da rua

VII

Em que o auctor encontra um objecto muito exquisito, muito misterioso, e que só vem a dizer o que é depois de uma linha de reticencias.

Tinha a forma e a côr d'um violino
De proporções enormes, na verdade
Quando o vi — Pae do Céu! — senti vontade
De lhe extrahir um maviôso hymno.

E eu, que desde o tempo de menino
Ando em procura d'uma raridade,
Ao ver um tal objecto — que vaidade!
Bem disse com furor o meu destino!

Mirei-o, remirei-o... no final
Vi que era todo branco interiormente;
Isto aqui para nós: cheirava mal...

Tal coisa eu nunca vi — por minha fé!
Mysterio? raridade aurifulgente?
....
Nada d'isso, leitor, era um *bidet!*

Manuel Chagas, (Pardielo).

♣

E' capaz d'isso!

Um cavalheiro que se apregoa carbonario como quem apregoa agriões, chama thalassa ao nosso collega Alberto Barbosa (Rei Luzo).

De aqui a pouco, chama thalassa ao proprio dr. Antonio Zé d'A meida!

♣

Ora bolas

Os bolos aos domingos são considerados generos de primeira neccessidade.

Ora o diabo não tem somno...

PHANTASIAS

Por nos ter chegado demasiado tarde, não pudemos publicar esta secção de que pedimos desculpas aos nossos leitores e ao nosso collega «Eu proprio».

Adeus ó gajada

Vou trocar a farpella de paizano
P'r'um grosso fardamento de magala.
Vou trocar o colchão que me regalla
Por um duro enxergão bem deshumano.

Vou trocar o *couté*, a minha sala
Por grande quartel assaz parrano
Vou trocar o penante todo ufano
Por um simples bonét de larga palla.

Vou trocar os meus *butes* de pelica
Por uns taes *alcatruzes* — coisa rica
Que me vão pôr bastante atrapalhado.

E assim tão bochechudo e pequerrucho
Com uma larga fardeta de galucho
Eu vou ser um *boneco* numerado.

Zé Ilheu

Foi um adeantamento

Pergunta a *Republica* quem foi que roubou o punhal florentino que havia nas Necessidades.

Ora quem havia de ser? Foi o D. Manuel.

Aquillo era costume antigo na familia!...

Já aqui não estamos bem

Um cidadão que se diz carbonario (tambem esteve na Rotunda, com certeza...) ameaça o nosso collega republicano «A Revolta» dizendo lhe que «já viu as barbas do visinho a arder...»

Depois de assaltarem os jornaes thalassas, ameaçam os proprios republicanos.

Se todos os carbonarios fossem d'esta força, eram capazes de assaltar «O Mundo!»

Ora o maluco!

Ao Ex. Sr. Dr. Caetano Beirão

Dê ordem, meu Doutor, ao seu servente,
P'ra ter bem limpa a penna e o tinteiro;
E na pap'leta 'screva mui lampeiro,
— Podes sahir Osorio in continenti! —

Mas não o faça agora que é janeiro,
Se não o mulherio vê se bem quente,
Que eu apezar de velho sou ardente,
E graças ao Zé Relvas ha dinheiro!

Desejo, pois, só ver o carnaval,
Que este anno deve ser muito engraçado,
Se metter peixe-espada marcial,

E dar ao mesmo tempo um forte brado,
A quem tão bem dirige Portugal,
Que a todas as potencias causa agrado!

Hotel Rilhafollense 10-1-911.

Alfredo Osorio (Maluco-Mór.

Grandes gulosos!

Quem tiver fome ao domingo, coma pasteis!

A 31 DE JANEIRO numero dedicado a João Chagas, major Coelho, alferes Malheiros, capitão Leitão

Homenagem ao Dr. Antonio José d'Almeida

—Que cara que vocemecê traz hoje, senhora Rita!... Vem zangada?

—Não é zanga, é susto.

—Susto?!... De quê?

—Ora de que ha de ser?... De todas estas coisas que para ahi se dizem.

—Mas que se diz, mulher?... Eu não sei nada!...

—Então não sabe que brevemente vamos ter outra revolução?

—Que me diz?

—E' verdade... E agora ainda é mais terrivel que a da Republica.

—Ora essa!!... Mas conte, diga para ahi o que sabe.

—Então não leu que o D. Manuel, mais o Soveral, veem ahi levantar isto novamente?

—Serio?...

—Já lhe disse!... Agora é que a coisa é seria.

—O' senhora Rita, por alma dos seus defuntos, não me diga mais tolices!

—Pois sim, chame-lhe tolices, mas se o Soveral quizer fazer alguma...

—A mim, não que eu hei de tomar conta, agora a outras pessoas... póde ser.

—Veja lá se se lembra o que disse a D. Amelia quando sahiu da Ericeira!... aquelle *até á volta* levou agua no bico.

—Ah!... ah!... ah!... Deixa-me rir!... O que levou não foi agua, não!... Foi raiva de não poder enforcar meia duzia de portuguezes, como era seu desejo, mas... *parou-lhe o cão na carreira*...

—Pois sim, mas tambem se o D. Manuel não vem por ahi abaixo, então o outro pretendente com certeza que mette pernas ao caminho.

—Qual pretendente?

—O D. Miguel!

—O quê?

—O D. Miguel, repito. Julga que elle já perdeu a esperança.

—Ai... esse coitado póde até perder não só a Esperança, como o chafariz da dita, que não tem a dita de cá metter o nariz.

—Ora... eu sei!...

—Descance... essa lhe juro eu!... E com respeito ao outro, até estou capaz de apostar, em como qualquer dia, o nosso Governo recebe por ahi alguma carta d'elle, cheia de agradecimentos por o terem livrado da estopada de reinar.

—Que me diz?

—E até me parece que a carta deve dizer pouco mais ou menos isto:

«Meus caros inimigos: Estimo que ao receberem esta, estejam de perfeita saude, pois a minha felizmente é boa graças a Deus.

«Tem esta por fim agradecer-lhes o favor que me fizeram de tirar-me do lombo o enorme cargo de governar mal e porcamente um povo, que se governa melhor sem mim do que com *mim*. Assim vivo mais descançado e sem receios de que me aconteça o mesmo que aconteceu a meu augusto pae. Tenho os dias mais livres, tenho dinheiro em barda, e sem *al*... barda goso até cahir... de qualquer fórma, menos na esparrela de tornar a subir ao throno.

«Lamento apenas que tivesse morrido tanta gente, e se me teem falado ao ouvido, a coisa fazia-se a contento de todos, e sem correr sangue.

«Repetindo os meus agradecimentos, permittam que assigne de vocês amigo certo, etc.

Manuel.»

—Ora!... Isso póde lá ser!?...

—Até ver não é tarde.

—Pois eu estou em dizer que o D. Manuel ainda é capaz de entrar...

—Aonde?

—Aqui... em Portugal!

—Qual historia!...

—Ora... ora... ora!...

—Entrar?!... Elle?!... Só se fôr empurrado por traz!...

ARIEL.

PIADAS DE ESCOLA

Ahi, seu Ulysses!

Diz-se por ahi á bocca cheia que mestre Ulysses vae intentar acção judicial contra a casa Larousse por esta teimar em traduzir os artigos *originaes*, que tanto trabalho deram áquelle.

Nunca as mãos lhe doam, seu Ulysses, chegue-lhe...

Pelo caminho que as coisas levam o sr. Larousse é tambem capaz de se inculcar como fundador de Lisboa...

Ha coisas que só a *machado*...

O Vira

Sae no dia 28 de janeiro o primeiro numero d'este collega humoristico, com uma gravura allegorica ao movimento de 28, e um folhetim intitulado: Como se fez a Republica, contado por uma sopeira de cabellinho na venta.

Longa vida, lhe desejamos.

♣

COISAS E LOISAS

Ia subindo o Chiado,
Que é tambem Rua Garrett,
Quando vi embasbacado
O nosso impagavel Zé,
Por alcunha o Zé Pasmado.

A's portas da loja eu via
Mais d'um caixeiro, a espreitar.
Tudo assombrado par'cia!...
Puz logo o nariz no ar
Para saber o que havia.

Juro aqui por minha fé
Que dáva voltas ao *cáco*:
Seria algum *chimpanzé*?
Seria o homem macaco?
Talvez fosse um jacaré!

Seria a mulher electrica?
Ou o gato côr de cerêja?
Tive das bruxas inveja...
A coisa era talvez tetrica.
Seria o bispo de Beja?...

....

Soube depois com pericia
Que o espanto do nosso povo,—
Ora vejam que delicia:
Era um *chefre* da policia
Com fardamento já novo!

MANOEL CHAGAS.

♣

Um sabio russo descobriu o «olho electrico» para ver no fundo do mar e da terra. O' filhos vejam tambem se inventam um olho, com que se veja até ao *fundo* dos ceus, para a gente ver se sempre é certo estar lá o barbaças do Christo... *Havia* de ser *giro*...

Jose Stuart Carvalhaes

Procurando corresponder ao carinhoso acolhimento que o publico tem feito ao nosso jornal, e como *guarda avançada* de futuros melhoramentos, publicamos hoje na nossa primeira pagina, um trabalho assignado por este nome, que tantas obras artisticas tem rubricado.

De elogio nem uma palavra lhe damos, que é o mais justo que se póde fazer a quem, como elle as não necessita.

—Que o D. Miguel de Bragança
Inda alberga alguma esp'rança;
—Que essa esp'rança natural
E' de vir p'ra Portugal;
—Que o papá de sua alteza
Tambem teve essa fraqueza;
—Que d'essa esp'rança viveu
E co'essa esp'rança morreu;
—Que o esperançoso do filho
Seguirá o mesmo trilho.
—Que ha mais um esperançoso
O menino radioso!
—Que o D. Affonso tambem
Tem esp'rança, e mais a mãe;
—Que a mamã do radioso
Tambem espera, é forçoso;
—Que estes palermas que esperam
De esperar não desesperam;
—Que ha falta de alguns tostões
Ha quem viva de illusões;
—Que pois aos pobres Braganças
Deixem os viver d'esp'ranças!!

Cresce ou não cresce?

Os jornaes chegam-se a não entender com respeito á epedemia da Madeira. Andam ha tempos a dizer que decresce, mas ainda não decresceu de todo.

O' filhos, vejam la se se entendem...

Se cresce, cresce, se não cresce, não cresce... e prompto!!

Dá-lhe abalo?

Um collega diz que na imprensa republicana não tarda que as comadres se zanguem.

E o collega a ralar-se...

Tiro ao alvo

A um diario thalassa

Dizias com maldade umas chalaças
De a gente até deitar as tripas fóra,
Defendias os villões a toda a hora,
Que haviam feito roubos e trapaças.

Pertencias á tropa dos *thalassas*
E o *Zé* fez aos teus bens uma penhora,
Por isso, rico filho, grita e chora,
Não fazes ao Governo mais negaças...

Não dizes, nunca mais, porcas asneiras
E em troca das nojentas maroteiras
Apanhas do juiz a rude sanha...

Vaes *gramar* alguns mezes de prisão,
Porque, afinal, meu parvo *thalassão*
Tu eras um *correio*... mas *da manha*!...

CARBONARIO.

A 31 de janeiro numero dedicado a **J. Chagas, major Coelho, alf. Malheiros, cap. Leitão, Buiça** e **Costa**

Aguas passadas

V

A «gréve» dos caixeiros, justa nas suas reclamações, mas censuravel por extemporanea, teve as suas notas hilariantes e irrisorias, devido á inexperiencia dos rebeldes...:

—8 horas de trabalho, isso é para mim uma mina: De manhã não ha freguezia, os «dorminhôcos» dos burguezes levantam-se tarde, portanto desde a abertura do estabelecimento até ao meio-dia lê-se «O Mundo», escreve-se á «pega» e passa-se pelo somno... Do meio dia até á 1 vae-se ao«lunch». D'ahi até ás 4 horas servem-se os poucos freguezes, furtando a cada hora um quarto para fumar, outro para ir á «retrete», outro para falar ao telephone, outro para diversas miudezas. Resultado zero! Tinha razão o velho Castilho: —«Trabalhae meus irmãos que o trabalho...

—Um patrão a quem os caixeiros haviam abandonado na manhã da «gréve», viu-se ás aranhas» para servir umas freguezas que o disputavam:

—Então? a minha renda?

—Oh! minha senhora, desculpe, não tenho mãos a medir...

—Meça mesmo com os pés que são de bonito tamanho...

—Nota de domingo:—O nosso «Mazzantini» dos «Armazens do Chiado» mandou chamar por um gallego, a sua queridinha, ás 8 da noite para irem juntos ao «Terrasse».

O gallego—«Baia que me não conbên recados d'esses! Xai-me de lá do quarto da gaxa un figuron que parexia um toiro... Xempre tinha unas bentas!...»

O Mazzantini:—E a menina?

Gallego:—«Diz que vá p'rá greve que ella já não bai n'isso... Está no descanxo... com o tal gaxo!»

*
* *

Telegrammas dizem que o senhor Dom Miguel está em Pau, fronteira hespanhola... e que pretende... Em Londres, está o «pifio» Dom Manuel e não deixa decerto de pretender... E afinal estão no seu direito. Todos pretendem. Pretendem os que fizeram a Republica, pretendem os adherentes e os «adhesivos», pretende o padre Mattos, pretende até o paiz inteiro, pois, segundo disse Machado Santos, toda a gente esteve na Rotunda!...

Quem é que não ha-de pretender?...

Pretendem os carroceiros, pretendem os gazomistas, pretendem os ferro-viarios; os caixeiros pretendem o descanço «umbilical», de accordo com as creadas de servir; as «travadinhas» pretendem andar nuas para a proxima estação!

Todos, sem duvida, pretendem; mas esta questão de pretenções leva agua no bico e ainda vae dar que falar... Olarila!...

Por exemplo: a dos pretendentes á corôa...

D. Manuel perdeu a cotação no mercado e hoje quem está no espirito das «canastras» é o senhor D. Miguel. Porquê?

Por causa da Gaby!...

Gaby Deslys, como todos sabem, é uma «cocote» da alta que se perdeu d'amores pelas regias algibeiras do «Tumba». Deposto, o ex-rei, errante pelo exilio, sem «chêta», sem honra nem vergonha, encontrou por amparo o amor forte d'uma actriz parisiense.

Nas mulheres perdidas encontram-se ás vezes dedicações sem par: e a dedicação da Gaby subiu a ponto de pôr «por conta» o senhor D. Manuel!

Ora isto é escandaloso!

—Um pretendente «Chulo», berram as «canastras»: não foi da educação que recebeu de sua mamã, que tão religiosa é, benza-a Deus! Antes venha o D. Miguel que dizem ser tão prendado! E tezinho... vejam como elle está em «Pau»... Tezo! Tezo!...

Por causa das pretenções da Gaby, perdeu a pretenção o pretendente.

Por causa das pretenções do pretendente, perdeu o pretendente a corôa dos seus avós...

Por causa das pretenções dos ferro-viarios, aguçaram o dente varias egreginhas de pretendentes «thalassas»...

Por causa das pretenções dos caixeiros, pretenderam fazer «gréve» as meninas do quarto andar, suas illustrres pretendidas...

Por causa das pretensões dos pretendentes e das pretendidas, andavam pois todos a pretender cacete!

Todos pretendem, todos pretendem....

Até eu, até eu pretendo ali da visinha, que sempre tem umas pretenções... e é da «trama»!

Henrique de Carvalho.

Excentricos

O menino fino

De casaquinho á moda, bem cintado
Rival dos taes vestidos á *imperio,*
Chapeu á *lazarista* triste e serio
E calças de tunante *arrufiado...*

Alto, fino, dengoso, ameninado;
Ninguem lhe vae á mão no dispauterio
Quando ralha com furia, sem criterio,
Do mundo que vae torto e muito errado...

De monoculo em *riste* sem descanço,
Parado longas horas de ripanço,
Empatando o fino *mandria* o pobre Zé,

Quereis rir do *casquilho?* Ide lá vel o.
Amparando os humbraes do Café Gelo,
Onde nunca tomou nem um café!!

Viu-se Grego.

O bom julgador...

Diz um jornal talassa:

«Continuamos como até aqui com eleições forjadas no ministerio do Interior.»

Sim? E quem lhe disse?

Ora o patife!...

Era só o que faltava

Ha quem espere (diz um collega) ver muitos ministros que foram da monarchia, voltarem a ser na Republica.

Isso era bom, que já não houvesse vergonha!!

Mistico!

Lá foi o juiz da Relação atirado para Loanda.

Os de lá que são menos *cidadões* que nós, que o gramem!

Na ponta da unha!

Á redacção de o "Zé,,

Ha por ahi algum sabio que me diga
Quem é o idiota que assevera,
Não ser republicana a *Folha d'Hera,*
Não ser da thalassada crua inimiga?

Tem razão para'star como uma féra,
E eu vou defender a rapariga
Mocetona da velha guarda antiga
Que o Theophilo Braga bem venera!

Estou n'este hospital como um macaco,
Bem preso pela cintura adoentada*
Porém com saudinha cá no caco,

Para bem demonstrar, rapaziada,
Que nasci sem tendencia p'ra velhaco,
Que adoro o bello vinho e a vida airada!

* Rins

Malucq Mor

Verdades

No artigo que com este titulo publicamos no numero passado sairam algumas *gralhas* que rectificamos. Lê se *cilhimas* em vez de *ultimas; devendo concordarmos* por *devendo concordar; occuparemo-nos* por *occupar nos hemos.*

O' *seu revisor*: tenha mais lume no ôlho se não quer ir para o ôlho da rua.

O ZÉ no theatro

O Pinto é um rapaz que tem trez ideaes apaixonados:

1.º, A Revolução; 2.º, O Theatro; 3.º, A Cortezia.

Por estes trez ideaes, é elle capaz de dar a vida e oito tostões...

Ora um dia o nosso Pinto teve que pôr á prova, mesmo sem querer, a sua dedicação pelos trez ideaes. Como carbonario que era, foi chamado á rua dos Bacalhoeiros, onde um solemne e tragico barbassas lhe entregou uma pistola authomatica, mandando-o marchar para um sitio designado.

Tremendo de jubilo... e de medo, ia pensando:

—Que diabo me quererão elles?... A coisa está feia, lá isso está!! Mas que irão elles fazer? Será hoje?

(E o nosso Pinto, tremia como varas verdes) Que queremos fazer? Será a Revolução? A Republica?

Se n'aquelle tempo o theatro ex-D. Amelia, onde vae agora a «Papillon» já se chamasse **Republica** estou certo que o nosso carbonario, por uma transição muito natural no pensamento, passaria a lembrança para o seu segundo apaixonado assumpto idealisado; e mesmo sem querer, ir-se-hia lembrando da lind peça «A Bi» que está em scena no **Nacional**; da comedia «Ir a Roma» que, alternada com o applaudido «Rato Azul», vae no **Gymnasio**; da «Bailarina» que se representa no **Apollo**; do «5 de Outubro» que está na **Rua dos Condes**; da Divorciada que está alcançando um successo ruidoso no **Avenida**: e por fim o nosso grande heroe... da Rotunda, por certo, se havia lembrar do admiravel «Raymond» que está trabalhando no **Colyseu dos Recreios.** Perto do Rato dois vultos negros e immoveis parados junto do chafariz, metteram-lhe tal receio que elle estacou enfiado. Os vultos negros sahindo em destaque da alvura da cantaria da parede, pareciam-lhe dois policias, e por isso elle—o duro carbonario—tinha medo de seguir.

Uma idéa salvadora veiu ajudal-o a sahir d'aquella rascada. Metteu a pistola e as cargas dentro do côco, e avançou resoluto.

Aproximou-se mais; eram effectivamente dois policias. Sahiram-lhe ao caminho mandando-o fazer alto.

Um d'elles era muito inconveniente, enquanto o apalpava com modos brutaes, ia-lhe perguntando, o que fazia por alli áquellas horas a «andar» sem ser «parado» e finalmente, se não se costumava «agrupar» em grupos mais «di» um?!

O segundo pelo contrario, era todo delicado e acabando de o revistar, pediu-lhe mil desculpas, mas elle bem sabia que aquillo eram ordes.

—Ora essa!— diz o Pinto, que acima de tudo era delicadissimo—O sr. está no exercicio das suas funcções! Eu é que peço desculpa...

E levando a mão ao chapeu, ia cumprimentar cortezmente, quando aos pés dos policias boquiabertos, se espalharam as cargas e a pistola!

O resto adivinha o leitor: «Calabrouço numbro» 1...

João d'Allem.

ANIMATOGRAPHOS

Quem andar aborrecido
Antes que inda mais se masse,
Vá ficar enternecido
Vendo as fitas
Tão catitas
Que ha no *Chiado Terrasse*
E não se esqueça tambem
De ir ao *Salão Ideal*
Onde lindas fitas tem
Como no *Salão Central*
Nem olvide o *Liberdade*
Nem o *Salão da Trindade*
Vá seguindo a minha voz
Ao *Rocio Palace* e ao *Foz*
Onde ha coisas variadas
Não 'squecendo o *Avenida,*
E assim passe a triste vida
A ver fitas engraçadas.

A 31 de janeiro numero dedicado aos martyres Manuel Buiça e Alfredo Costa

Mudança de esquadras

Já que a tal esquadra não se moveu venha você movendo-se para a esquadra.